

## SEÇÃO V

# Economia Agrícola

## Sumário

A previsão do Grupo de Conjuntura da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea para o produto interno bruto (PIB) do setor agropecuário é de crescimento de 0,6% em 2019. Por segmento, a previsão é de alta de 0,1% no valor adicionado da lavoura e de 3% no valor adicionado da pecuária. Embora o Levantamento Sistemático da Agricultura (LSPA) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) preveja aumento da produção para a maioria dos produtos, o pequeno crescimento do valor adicionado da lavoura é explicado pela previsão da safra de soja com volume 4,4% menor em relação à anterior. No caso da pecuária, as previsões do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (*United States Department of Agriculture* – USDA) indicam um crescimento para todos os itens, com destaque para a produção de bovinos, suínos e leite. Em relação à produção de bovinos, que responde por cerca da metade do valor adicionado do segmento, prevê-se um resultado 3,0% superior ao ano passado, reflexo do aumento das exportações na categoria *in natura*.

O setor externo apresentou estagnação entre janeiro e abril de 2019, comparado ao mesmo período de 2018. Apesar disso, os três principais produtos da pauta de exportação – soja em grãos, celulose e carne de frango – apresentaram crescimento. Já os produtos como farelo de soja e açúcar de cana apresentaram desempenho negativo em termos de valor. Embora o valor das importações brasileiras de produtos agroindustriais seja muito inferior ao das exportações, o trigo continua sendo o produto importado mais significativo, cujo valor aumentou em 22% em 2019 em comparação ao mesmo período de 2018. Os insumos também foram destaque entre os importados, com crescimento de 45,3% nos quatro primeiros meses de 2019 em relação 2018.

Esta seção conta ainda com a análise detalhada, feita pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Universidade de São Paulo (USP), dos mercados e preços agropecuários domésticos de janeiro a março de 2019, que, comparados com o trimestre anterior, apresentaram aumento na maior parte dos produtos analisados – boi gordo, leite e ovos –, apesar da queda para a soja e o café. Na comparação com o mesmo trimestre do ano anterior, também houve aumento médio de preços, exceto para café, banana e ovos, que registraram redução. Por fim, ela traz alguns dados sobre insumos que mostram que a produção de fertilizantes está estagnada desde a safra 2010/2011, e que o forte crescimento do consumo doméstico tem impulsionado as importações, que crescem desde 2015/2016, com destaque para a atual safra 2018/2019

## Editores:

### Ana Cecília Kreter

Pesquisadora da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac)/Ipea

[ana.kreter@ipea.gov.br](mailto:ana.kreter@ipea.gov.br)

### José Ronaldo de C. Souza Júnior

Diretor da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac)/Ipea

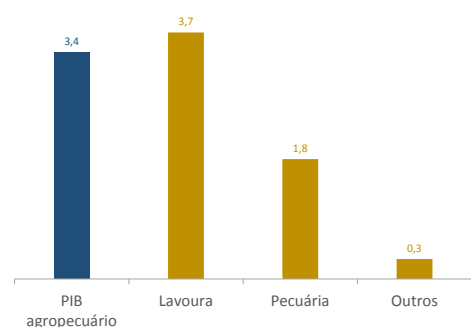
[ronaldo.souza@ipea.gov.br](mailto:ronaldo.souza@ipea.gov.br)

# 1 Nível de atividade e emprego

## 1.1 PIB agropecuário 2019<sup>1</sup>

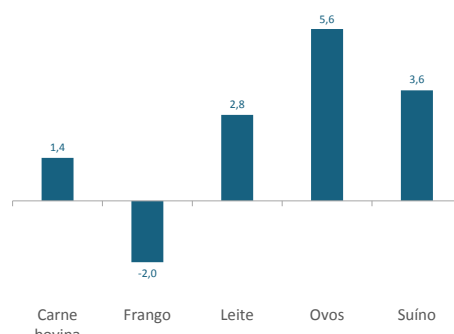
Após encerrar o ano de 2018 com crescimento de 0,1%, as estimativas do Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea apontam que, no primeiro trimestre de 2019, o PIB do setor agropecuário avançou 3,4% em relação ao mesmo trimestre do ano anterior (ver gráfico 1). A alta do primeiro trimestre foi explicada pelo crescimento dos componentes lavoura e pecuária, que registraram expansão de 3,7% e 1,8%, respectivamente. Entre os segmentos que compõem a pecuária, o crescimento interanual dos volumes produzidos foi disseminado, com destaque positivo para a produção de ovos, com crescimento de 5,6% (ver gráfico 2). Por fim, o segmento outros<sup>2</sup> permaneceu praticamente estável em relação ao primeiro trimestre de 2018.

**GRÁFICO 1**  
Previsão de crescimento do PIB agropecuário por segmento – 1º trim. de 2019  
(Variação, em %)



Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

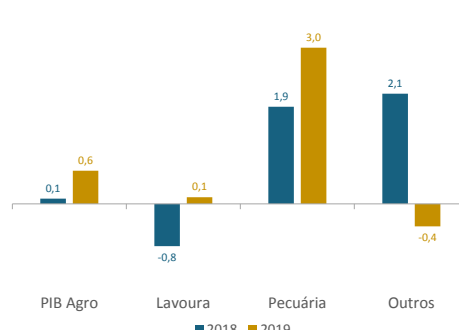
**GRÁFICO 2**  
Pecuária: taxa de crescimento interanual do volume produzido – 1º trim. de 2019  
(Em %)



Fonte: IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Para o ano de 2019 como um todo, nossa previsão para o PIB agropecuário é de alta de 0,6%. Entre os seus principais componentes, levando em consideração as estimativas do LSPA/IBGE, é previsto um aumento de 0,1% no valor adicionado da lavoura e, após a queda de 0,8% em 2018, o segmento voltaria a contribuir positivamente para o resultado anual (ver gráfico 3). Com relação ao valor adicionado da pecuária, foram consideradas as informações das Pesquisas Trimestrais do Abate de Animais, do Leite, do Couro e da Produção de Ovos

**GRÁFICO 3**  
Taxa de crescimento do PIB do setor agropecuário por segmento: observado em 2018 versus previsto para 2019  
(Em % ao ano – a.a.)



Fonte: IBGE e Ipea.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

1. Subseção elaborada por Ana Cecília Kreter, Leonardo M. de Carvalho, Pedro M. Garcia, Felipe M. Cornélio e José Ronaldo de C. Souza Júnior, todos da Dimac/Ipea.

2. O segmento outros inclui: produtos da exploração florestal e da silvicultura; pesca e aquicultura (peixe, crustáceos e moluscos).

de Galinha, as previsões do USDA e modelos econométricos de séries de tempo para estimar o crescimento de 3%, superior ao observado no ano passado.



### 1.1.1 Agricultura

Embora a LSPA preveja aumento da produção para a maioria dos produtos, o pequeno crescimento do valor adicionado da lavoura é explicado pela previsão da safra de soja com volume 4,4% menor em relação à anterior (ver tabela 1). Além do IBGE, a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) e a USDA também preveem queda na produção da ordem de 4,2% e 4,1% em relação à safra passada. Apesar do aumento da área plantada, como será visto mais adiante, a queda na produção se deve especialmente por problemas climáticos na região Centro-Sul do país. Quanto ao café, a redução de 10% na previsão da safra atual em comparação com a antecedente já era esperada pelo setor, dado que a nova safra do arábica – que, segundo a Conab, representa mais 70% da produção nacional – terá ciclo de bialidade negativa para a maior parte das regiões produtoras. Para o cálculo do PIB, o peso elevado dessas culturas no valor adicionado compensa quase completamente os crescimentos expressivos de 12,6% para o milho e de 29% para o algodão em caroço. De acordo com a Conab, a área plantada para a segunda safra de milho apresentou crescimento de 6,4%, o que não só compensou a redução de 2,3% na primeira safra, como também está fazendo dela a maior safra do país. Também foi o aumento da área plantada o responsável pela previsão positiva do algodão.

TABELA 1

**Produção agrícola: taxa de crescimento anual observada em 2018 versus projeção para 2019**

(Taxa de crescimento anual, em %)

Produtos	2018	2019
Algodão em Caroço	28,4	29,0
Amendoim em Casca	3,1	5,7
Arroz em Casca	-5,8	-10,6
Aveia	46,1	-10,6
Banana	-6,6	2,7
Batata Inglesa	-10,1	-1,4
Cacau	19,1	-1,4
Café arábica	28,6	-13,8
Café conilon	32,0	1,3
Café	29,4	-10,0
Cana-de-Açúcar	-2,0	2,1
Castanha-de-cajú	5,1	-14,8
Cevada	13,5	9,9
Feijão	-9,6	3,2
Fumo em Folha	-8,8	-2,9
Laranja	-10,7	-5,2
Mamona	63,2	39,5
Mandioca	-5,9	5,6
Milho	-18,3	12,6
Soja	2,5	-4,4
Sorgo	4,8	5,0
Tomate	-6,6	0,7
Trigo	25,1	3,9
Triticale	-0,7	-11,6
Uva	-5,2	-10,7

Fonte: Levantamento Sistemático da Agricultura (LSPA)/IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

## 1.1.2 Pecuária

No caso da pecuária, as previsões do USDA indicam um crescimento para todos os itens, com destaque para a produção de bovinos, suínos e leite (ver tabela 2).<sup>3</sup> Em relação à produção de bovinos, que responde por cerca da metade do valor adicionado do segmento, prevê-se um resultado 3,0% superior ao ano passado, reflexo do aumento das exportações na categoria in natura.

Entre os produtos da produção animal, destacam-se os suínos, que devem ter um aumento na produção de 5,6%, impulsionada pelo cenário externo, que sofre impactos da disseminação da peste suína africana na China. O país é não só o maior produtor dessa carne como também o maior consumidor mundial. Segundo o USDA, a tendência de crescimento da produção deverá ser mundial, atingindo cerca de 3,5% em 2019, com destaque para o próprio Estados Unidos.

TABELA 2

**Produção pecuária: taxa de crescimento observada em 2018 versus projeção para 2019**

(Taxa de crescimento anual, em %)

Produtos	2018	2019
Carne bovina	3,6	3,0
Frango	-0,7	2,1
Leite	0,5	2,1
Ovos	8,6	4,6
Suíno	2,9	5,6

Fonte: IBGE/USDA.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

## 1.2 Renda e emprego no agronegócio: insumos, primário, agroindústria e grossoserviços<sup>4</sup>

Consideradas informações disponíveis até fevereiro de 2019, estimativas do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da USP (Cepea/Esalq/USP), feitas em parceria com a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), apontam para uma queda de 2,73% na renda do agronegócio em 2019, conforme a tabela 3, que mostra a variação interanual estimada para esses indicadores por segmento. É importante ressaltar que a metodologia usada nesse cálculo é diferente da metodologia usada pelo IBGE, utilizada nos indicadores mencionados na subseção anterior. Além da abrangência ser diferente – o indicador do IBGE é apenas do segmento primário –, o deflator é calculado por método distinto.<sup>5</sup>

O *agronegócio* é entendido como a soma de quatro segmentos: i) insumos para a agropecuária; ii) produção agropecuária básica ou primária; iii) agroindústria (processamento); e iv) grossoserviços.

3. A previsão de produção de ovos foi feita pelo Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea, não pelo USDA.

4. Subseção elaborada por Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros, Nicole Rennó Castro, Leandro Gilio, Ana Carolina de Paula Morais e Marcello Luiz de Souza Junior, todos do Cepea/Esalq/USP

5. Metodologia do Cepea/Esalq/USP com CNA disponível em: <<https://www.cepea.esalq.usp.br/br/metodologia.aspx>>.

TABELA 3

**Varição interanual do PIB-renda e dos preços relativos<sup>1</sup> do agronegócio de 2019**

(Em %, com informações até fev./2019)

Taxa interanual 2019	Preços Relativos <sup>1</sup>	PIB-renda do Agronegócio
<b>Agronegócio Total</b>	-0,39	-2,73
Resultado acumulado até fev/19	-0,07	-0,46
<b>- Insumos</b>	9,73	14,99
<b>- Primário (Agropecuária)</b>	-1,77	-5,37
<b>- Agroindústria</b>	0,25	-2,03
<b>- Agrosserviços</b>	-1,38	-3,83

Fonte: Cepea/Esalq/USP e CNA, com base em dados próprios e IBGE, Conab, Associação Nacional para Difusão de Adubos (ANDA), Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Defesa Vegetal (Sindiveg).

Nota: <sup>1</sup>Comparação entre os deflatores do PIB do agronegócio e do PIB da economia toda.

Para os preços relativos do setor, a taxa interanual também é negativa, ainda que em magnitude mais modesta: -0,39% para o agronegócio como um todo. Para os segmentos, como se observa na tabela 3, houve importante alta em preços relativos para insumos, leve crescimento para a agroindústria, e redução para primário e agrosserviços.

Diante desse cenário, a taxa interanual de variação do PIB-renda do agronegócio em 2019 é de -2,73%, culminando em uma queda de 0,46% no acumulado de janeiro a fevereiro (tabela 3). Apenas para o segmento de insumos a variação interanual estimada é positiva, com reduções calculadas para o primário, a agroindústria e os agrosserviços. Ressalta-se que, na atual fase dos cálculos, as taxas interanuais são bastante preliminares no que tange a estimativas para o ano – além de considerarem apenas informações dos primeiros bimestres de 2018 e de 2019, ainda não incluem informações acerca da produção pecuária (não divulgadas até o fechamento dos cálculos). Posto isso, esperam-se mudanças ainda significativas nas taxas interanuais ao longo de 2019. A deterioração das expectativas para a renda do agronegócio no ano reflete o fato de que a produção agrícola tem ficado aquém do esperado anteriormente. Além disso, a inclusão de informações sobre o consumo intermediário têm refletido um importante aumento dos custos de produção no agronegócio, comprimindo a variação interanual da renda do setor

Para os segmentos específicos, como insumos, a expansão esperada da produção nacional de defensivos e os preços em alta para a maior parte das indústrias acompanhadas no segmento (fertilizantes, defensivos, máquinas agrícolas e rações) explicam o resultado. No caso dos fertilizantes e defensivos agrícolas, o alto patamar de preços domésticos reflete a desvalorização do real com relação ao dólar, a oferta ajustada dos adubos no mercado internacional e os maiores preços do petróleo ao longo de 2018.

Esses altos preços de insumos, combinados ao aumento esperado em seu uso pela agricultura, ao impulsionarem o consumo intermediário, representam o principal fator de pressão sobre a renda do segmento primário. Tanto para a agricultura quanto para a pecuária, expectativas apontam para aumento do valor bruto da produção em 2019 (frente a 2018), resultado que poderá ser amenizado ou anulado pela expansão dos custos.

No caso da agricultura, os principais fatores de impulso ao valor bruto da produção são a maior produção esperada para algodão e milho e os maiores preços no primeiro bimestre de 2019 para feijão, milho e laranja. No caso da pecuária, o impulso vem dos maiores preços para frango e leite. No caso da agroindústria agrícola, a queda esperada na renda reflete a menor expectativa de produção para o ano, com destaque negativo para as indústrias de base florestal (produtos de madeira, celulose e papel), de biocombustível e de óleos e gorduras vegetais. Já no caso da indústria pecuária, os preços de seus produtos estão em alta (carnes e laticínios), mas a renda também foi prejudicada pelos custos de produção.

O desempenho do segmento de agrosserviços, por sua vez, reflete o comportamento dos demais. Nesse caso, alguns fatores explicam o resultado negativo em preços relativos e volume, como o estreitamento das margens nas cadeias pecuárias – com a elevação dos custos de produção – e o menor volume produzido por indústrias agrícolas importantes em termos de volume transportado e comercializado.

Quanto ao mercado de trabalho do agronegócio, o número de pessoas ocupadas<sup>6</sup> no primeiro trimestre de 2019 manteve-se praticamente estável frente ao mesmo trimestre de 2018. Entre os segmentos que compõem o setor, destaca-se a elevação do número de ocupados na indústria de insumos e nos agrosserviços – já as atividades relacionadas à agropecuária e à agroindústria registraram redução no total de ocupados (tabela 4). Em termos absolutos, houve um incremento superior a 140 mil pessoas ocupadas nos segmentos de insumos e agrosserviços no período, frente a uma queda de 118.504 pessoas ocupadas no “dentro da porteira”. No mesmo período, a população ocupada total no país aumentou 1,8%, alcançando, no primeiro trimestre de 2019, 91,9 milhões de pessoas.

TABELA 4  
**Varição no total de pessoas ocupadas no agronegócio e em seus segmentos**  
 (Em %)

Segmento / Variação na quantidade de pessoas ocupadas	1º tri 19 / 1º tri 18
Insumos	4,02
Primário	-1,42
Agroindústria	-1,73
Agrosserviços	2,34
<b>Total agronegócio</b>	<b>-0,23</b>

Fonte: Cepea/Esalq/USP

A queda observada no número de ocupados na agropecuária ocorreu, sobretudo, no ramo agrícola, com destaque para cana-de-açúcar, cereais e produção florestal. No que diz respeito à pecuária, houve crescimento na população ocupada para todas as principais atividades acompanhadas. A redução dos ocupados na agroin-

6. Seguindo procedimento do IBGE na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua, as estimativas para o mercado de trabalho do agronegócio feitas pelo Cepea/Esalq/USP não consideram como pessoa ocupada aqueles que desenvolveram trabalhos na produção para o próprio consumo.

dústria, por sua vez, foi mais intensa na indústria sucroalcooleira; nas atividades de móveis de madeira e papel e celulose; e nas indústrias de base pecuária (abate, laticínios e couro e calçados de couro).



A redução dos empregos no setor sucroenergético provavelmente está relacionada à crise financeira que ainda afeta parte importante das usinas do setor, com o número de empresas em recuperação judicial e falência se ampliando em 2019. A redução dos empregos na cadeia florestal, por sua vez, possivelmente está respondendo à queda da produção no setor, frente ao mesmo período de 2018. A tabela 5 apresenta as variações no número de ocupados no agronegócio por categorias de posição na ocupação e categorias de emprego e por níveis de instrução.

TABELA 5

**Varição no total de pessoas ocupadas no agronegócio por grupos de posição na ocupação e categorias de emprego e por categorias de grau de instrução**

(Em %)

	Categorias	1º tri 19 / 1º tri 18
Posição na ocupação e categorias de emprego	Empregado c/ carteira	-2,54
	Empregado s/ carteira	2,74
	Empregador	1,69
	Conta-própria	1,25
	Outros <sup>1</sup>	-2,29
Categorias de grau de instrução	Sem instrução	-34,63
	Fundamenta <sup>2</sup>	1,5
	Médio <sup>2</sup>	2,01
	Superior <sup>2</sup>	7,43

Fonte: Cepea/Esalq/USP.

Notas:

<sup>1</sup> Outros inclui as categorias: militar e servidor estatutário; e trabalhador familiar auxiliar.

<sup>2</sup> Completo e incompleto.

Seguindo a tendência já observada nos últimos anos, aumentou no agronegócio o número de empregados sem carteira assinada (em relação aos formais) e de empregadores. Esse comportamento marcou todos os segmentos do agronegócio, mas a agroindústria de forma mais intensa. A redução dos empregos com carteira assinada frente aos do mercado informal também tem sido uma tendência da economia como um todo, conforme dados e informações do IBGE.

Quanto ao nível de instrução dos ocupados no setor, também se nota a continuidade da tendência de melhora no nível médio de qualificação dos trabalhadores verificada nos últimos anos. Especificamente, entre os primeiros três meses de 2019 e o mesmo período de 2018, houve redução de 34,63% no número de ocupados sem instrução, ao passo que o número de ocupados com ensino superior (completo ou incompleto) aumentou 7,43%. O movimento predominou em todos os segmentos do agronegócio; nesse caso, sendo mais intenso na agropecuária. Esse comportamento também marcou o mercado de trabalho geral do país, mas com magnitudes mais modestas. Para o total de pessoas ocupadas no Brasil, na comparação entre o primeiro trimestre de 2018 e o primeiro de 2019, reduziu em 9,75% o número de ocupados sem instrução (ou com menos de um ano de estu-

do) e aumentou em 7,17% o número de ocupados com ensino superior (completo ou incompleto).



## 2 Setor externo <sup>7</sup>

As tabelas 6 e 7 apresentam os dados de exportação e importação de produtos agroindustriais utilizando as nomenclaturas principais produtos de exportação (PPE) e principais produtos de importação (PPI) da Secretaria de Comércio Exterior (SECEX) para o período de janeiro a abril de 2018 e 2019.

Até o final de abril, as exportações de soja em grãos haviam crescido 3% em valor e 12% em quantidade, com redução de 8% nos preços. Os farelos de soja, por sua vez, apresentaram queda de 7% em valor e 5% em quantidade, com os preços caindo 3%. É preciso lembrar que a maior parte das exportações de soja ocorre, normalmente, entre março e agosto, e que, portanto, as exportações até abril representam uma parcela relativamente pequena do total esperado para o ano. Contudo, a maior parte da produção já deverá ter sido colhida até o final de maio. A Conab estima para a safra de 2018/2019 uma produção 114,3 milhões de toneladas, com redução de 4,2% em relação à safra passada, que foi recorde. Se esta previsão for confirmada, a safra atual será a segunda maior da série histórica da Conab. Prognóstico semelhante foi publicado pelo USDA, que prevê redução de 4,1% na produção em relação à safra passada. Com relação à área plantada, a entidade sustenta a tendência de crescimento, atingindo 1,9% em relação à safra passada. Mesmo com o crescimento de área e o incremento no uso de tecnologia, a produtividade da soja por hectare na safra 2018/2019 deverá ser menor em decorrência das adversidades climáticas ocorridas nos principais estados produtores: Mato Grosso do Sul, Goiás, São Paulo e Paraná. Diante da queda nos preços dessa *commodity*, alguns produtores estão optando por manter estoques mais elevados.

Com relação ao mercado internacional, é esperada nesta safra redução de 2% na produção de soja na China, que é o maior importador mundial, e de 5% na produção norte-americana. Em termos de consumo, a China prevê queda, decorrente da gripe suína africana, enquanto que os Estados Unidos deverão aumentar sua demanda doméstica pelo mesmo motivo. Após graves problemas climáticos em 2018, a produção da Argentina deverá voltar ao padrão habitual, com grande aumento das exportações.

A expectativa de um acirramento da guerra comercial entre China e Estados Unidos, com elevações recíprocas nas tarifas, também deve ter graves repercussões sobre o comércio internacional da soja, com prováveis ganhos para os exportadores brasileiros. Todavia, é preciso lembrar que os consumidores chineses podem substituir a soja por outros produtos, principalmente a colza, dependendo da evolução dos preços. De toda forma, o Banco Mundial, na mais recente publicação (23 de abril), projeta uma queda dos preços da soja de US\$ 394/tonelada para US\$

7. Subseção elaborada por Marcelo Nonnenberg e Ana Cecília Kreter, ambos da Dimac/Ipea.



390/tonelada entre 2018 e 2019, sendo que para a torta de soja a queda esperada é ainda maior, de US\$ 405/ton para US\$ 355. Na verdade, tal queda já é percebida. Segundo a Conab, os preços internacionais médios de abril de 2019 na Bolsa de Valores de Chicago (CBOT) tiveram uma pequena baixa, se comparados a março de 2019, passando de UScents 883,60/bu para UScents 882,32/bu.

Mesmo com o maior recuo no setor – em março de 2019 (-20,4%), em comparação ao mesmo mês do ano anterior, devido à redução do valor exportado à União Europeia –, as exportações de celulose, em valor, aumentaram 8%, na comparação com igual período de 2018 e, em quantidade, 3%, puxadas principalmente pela cifra recorde de US\$ 806,17 milhões (+25,2%) no mês de abril para um *quantum* também recorde de 1,40 milhão de toneladas (+19,7%) em comparação com o mesmo período de 2018. Os países que mais aumentaram suas aquisições de celulose do Brasil em abril de 2019 foram: China (+US\$ 121,60 milhões), Estados Unidos (+US\$ 60,58 milhões) e Reino Unido (+US\$ 30,36 milhões).

A carne de frango elevou-se 3% em valor, ficando estabilizada em quantidade. O ano passado foi marcado pelo descadastramento de vinte plantas brasileiras pela União Europeia, em razão da operação Carne Fraca, devido a maiores exigências dos países árabes quanto ao abate halal e à acusação de *dumping* pela China. Por essas razões, as exportações, em valor, caíram 8% com relação a 2017. No entanto, desde o quarto trimestre de 2018, as exportações de carne de frango para os países árabes voltaram aos níveis anteriores, apesar de ainda não terem recuperado o crescimento no caso da Arábia Saudita.

Com relação às exportações para a União Europeia, a questão ainda não se encontra solucionada. Nos primeiros quatro meses do ano, elas sofreram queda de 26% se comparado ao mesmo período do ano passado – em compensação, as exportações para a China cresceram 12% no período. Além da gripe suína, o país tem tido surtos de gripe aviária, o que o obriga a continuidade das importações do produto brasileiro.

A carne de bovino aumentou o valor exportado em 6% no período, com aumento de 15% nas quantidades e queda de 8% nos preços. Com relação à quantidade exportada, segundo a Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (Abiec), parte dessa alta foi puxada pelo desempenho das exportações na categoria carne *in natura*, que tiveram o melhor resultado para o mês de abril desde 1997, quando foi iniciada a série histórica. Em 2019, as exportações dessa categoria somaram 109,8 mil toneladas em abril, com alta de 56,7% em relação ao mesmo mês de 2018. A queda nas exportações para Hong Kong, Egito e Chile, entre os maiores mercados, foram amplamente compensadas por elevações para a China (16%), Irã (24%), Itália (17%), Arábia Saudita (15%) e, principalmente, Rússia (11.441%) e Emirados Árabes Unidos (410%).

As vendas de café aumentaram 9% no período em valor, com elevação de 32% nas quantidades. Esse crescimento ocorreu em praticamente todos os principais

mercados brasileiros, à exceção da Itália, que teve uma pequena queda. Em compensação, as vendas para os Estados Unidos, que são o maior comprador, subiram 26% no período. No entanto, os preços do café continuam em trajetória de forte queda nos últimos anos, apesar de um breve período de elevação no final de 2018. De acordo com o primeiro levantamento do acompanhamento da safra brasileira de café da Conab, em 2018 o país atingiu a maior produtividade dos últimos dez anos, em especial para o café arábica. Para 2019, a estimativa é de queda para o arábica e de produtividade semelhante para o conilon. Na medida em que a oferta deve continuar superior à demanda, pode-se esperar que os preços continuem caindo por algum tempo.

As exportações de milho tiveram um forte crescimento, de 55% em valor e 41% em quantidade, com aumento de 10% nos preços. Para este ano, é esperada uma elevação de cerca de 12% na produção, basicamente pelo aumento de 19% na segunda safra – que é a principal, atualmente –, uma vez que a primeira deverá ter uma pequena queda. Segundo o USDA, mesmo com produção recorde de milho no país, em 2019, o Brasil deverá importar cerca de 1 milhão de toneladas, o mesmo nível do ano anterior, particularmente para os estados do Sul, onde a produção de suínos e aves está concentrada. A mesma instituição, que representa o principal país em termos de volume exportado, espera grande concorrência de preços para este ano por parte de Brasil, Argentina e Ucrânia, e redução de suas exportações. São esperados aumentos das exportações também da França, Alemanha e México. Entre os principais mercados brasileiros, destacam-se aumentos nas exportações para Vietnã e Japão superiores a 500% nos primeiros quatro meses do ano, na comparação com igual período do ano passado.

TABELA 6  
Exportação - Valor (em US\$), peso (em kg) e preço médio para os principais produtos, janeiro-abril 2018-2019

PPE	Valor			Peso			Variação do preço médio
	2018	2019	Variação (em %)	2018	2019	Variação (em %)	
Soja mesmo triturada	9.235	9.506	3	23.500	26.324	12	-8
Celulose	2.777	3.012	8	5.259	5.393	3	6
Carne de frango congelada, fresca ou refrig.incl.miúdos	1.818	1.880	3	1.183	1.180	0	4
Farelo e resíduos da extração de óleo de soja	1.998	1.854	-7	5.358	5.104	-5	-3
Carne de bovino congelada, fresca ou refrigerada	1.581	1.674	6	389	446	15	-8
Café cru em grão	1.429	1.559	9	546	722	32	-17
Milho em grãos	795	1.230	55	4.996	7.038	41	10
Açúcar de cana, em bruto	1.500	1.135	-24	4.455	4.061	-9	-17
Fumo em folhas e desperdícios	565	654	16	127	159	26	-8
Algodão em bruto	355	628	77	209	367	75	1
Demais produtos	5.117	4.163	-19	-	-	-	-
<b>Total</b>	<b>27.169</b>	<b>27.295</b>	<b>0</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>

Elaboração: Grupo de Conjuntura/Dimac/Ipea.

As exportações de açúcar caíram 24% em valor e 9% em quantidade, com redução de 17% nos preços no período. Note-se que as exportações desse produto já haviam caído 40% em valor em 2018 na comparação com 2017, devido, principalmente, ao aumento das exportações de alguns países asiáticos, como a Tailândia. Este ano, as exportações para Bangladesh, historicamente o maior comprador do

Brasil, voltaram a aumentar 23%. Entretanto, para praticamente todos os outros países asiáticos, as vendas continuam com fortes quedas. A exceção é a China, tradicionalmente um grande comprador, mas cujas compras haviam sido muito pequenas no início do ano passado e voltaram a crescer significativamente este ano. As exportações de fumo em folha e algodão em bruto experimentaram fortes elevações no período, ao passo que os demais produtos tiveram queda de 19% no período.

Apesar de a carne suína não estar entre os dez principais produtos agropecuários de exportação, o setor vem se destacando na mídia desde o início do surto de gripe suína africana na China. Como foi apresentado, esta doença tem afetado negativamente as exportações de grãos, mais especificamente os que são destinados à ração. Outro desdobramento, dessa vez positivo, para o Brasil foi o aumento das exportações observado de janeiro a abril de 2019 – 8% em valor e 12% em quantidade. Países como China, Hong Kong e Argentina importaram menos carne suína do Brasil nesse período – com queda nas quantidades em cerca de 2%, 21% e 15%, respectivamente – compensadas pelo aumento nas quantidades exportadas para o Chile e a Rússia.

Examinando o comércio da carne suína nos últimos seis anos, é possível observar variações extremamente fortes entre os principais mercados. Até 2015, as exportações para a China eram desprezíveis e o principal comprador brasileiro era a Rússia, cujas exportações praticamente colapsaram entre o final de 2017 e o final do ano passado, devido a um embargo imposto por esse país em razão de medidas sanitárias. A partir do final do ano passado, voltaram a subir, mas ainda se encontram em níveis muito distantes do registrado no passado recente. No caso da China, com abertura desse mercado para as empresas brasileiras em 2016, as vendas para o país cresceram de forma exponencial, para voltar a cair fortemente entre o final de 2016 e o final de 2017, voltando a crescer fortemente desde o início de 2018, quando tornaram a ser o principal importador. A disseminação da peste suína africana na China certamente contribuirá para o aumento das vendas para esse país nos próximos meses.

TABELA 7

Exportações de carne suína, por principais países importadores - Valor (em mil US\$), peso (em toneladas) e variação do preço médio exportado de carne suína, Janeiro a Abril 2018-2019

País	Valor			Peso			Variação do Preço médio (em %)
	2018	2019	Variação (em %)	2018	2019	Variação (em %)	
China	107.810.336	104.346.565	-3	50.782.853	49.562.751	-2	-1
Hong Kong	81.251.021	58.011.572	-29	38.844.915	30.494.058	-21	-9
Cingapura	25.281.731	25.293.718	0	10.718.357	11.436.183	7	-6
Argentina	35.672.339	25.016.723	-30	13.531.059	11.474.942	-15	-17
Uruguai	26.208.756	26.644.602	2	11.469.740	13.494.417	18	-14
Chile	21.999.525	26.197.638	19	10.112.227	13.416.601	33	-10
Rússia	351.678	56.857.887	16068	136.090	21.522.160	15715	2
Demais países	56.244.088	59.592.091	6	31.269.637	34.773.576	11	-5
<b>Total</b>	<b>354.819.474</b>	<b>381.960.796</b>	<b>8</b>	<b>166.864.878</b>	<b>186.174.688</b>	<b>12</b>	<b>-4</b>

Fonte: SECEX.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

As importações de trigo cresceram 38% em valor, no período, com variação de 13% nas quantidades e 22% no preço médio. Esse aumento das importações deverá se reduzir ao longo do ano, mas ainda assim será positivo. Para a safra 2018/2019, a Conab estima produção superior em 0,7% à da safra passada, em razão do aumento de 4,2% de produtividade. O aumento esperado do consumo, apesar da elevação esperada da produção, continuará pressionando as importações. Além disso, o Brasil anunciou a importação de 750 mil toneladas anuais com isenção de tarifas para países de fora do Mercosul, o que implicará numa redução do preço médio para o consumidor, estimulando as importações. Dos demais principais produtos de importação, destacam-se as elevações de salmões, malte, demais semimanufaturados e filés de peixes. Pelo lado negativo, sobressaem produtos hortícolas, azeite de oliva e borracha natural.

TABELA 8

Importação - Valor (em US\$), peso (em kg) e preço médio para os principais produtos, janeiro-abril 2018-2019

PPI	Valor			Peso			Variação do preço médio
	2018	2019	Variação	2018	2019	Variação	
Trigo em grãos	421	582	38%	2.216	2.509	13%	22%
Salmões-do-pacífico, etc.frescos,refrig.exc.filés,etc.	170	185	9%	27	29	8%	1%
Malte inteiro ou partido, não torrado	124	171	38%	242	344	42%	-3%
Demais produtos semimanufaturados	127	150	18%	82	88	8%	9%
Produtos hortícolas preparados/conserv.em ácido acético	159	146	-8%	164	147	-11%	3%
Azeite de oliva, virgem	146	137	-6%	24	28	18%	-20%
Borracha natural,balata,guta-percha,guaiule,chicle,etc.	127	101	-21%	81	73	-10%	-12%
Filés de peixes congelados, exceto de merluza	93	99	7%	27	27	-1%	8%
Vinho de uvas	102	98	-4%	29	30	4%	-7%
Preparações alimentícias, outras	87	92	6%	14	16	18%	-10%
Demais produtos	1.406	1.584	13%	-	-	-	-
<b>Total</b>	<b>2.962</b>	<b>3.345</b>	<b>13%</b>	-	-	-	-

Elaboração: Grupo de Conjuntura/Dimac/Ipea.

TABELA 9

Valor (em mil US\$) importado de insumos agrícolas segundo PPI, Janeiro a Abril de 2018-2019

PPI	Valor		Variação (em %)
	2018	2019	
Inseticidas, formicidas, herbicidas e prods.semelhantes	444.082	684.608	54,2
Azubos ou fertiliz.cont.nitrogênio,fósforo e potássio	181.120	352.981	94,9
Compostos organo-inorgânicos	85.014	185.811	118,6
Borracha natural,balata,guta-percha,guaiule,chicle,etc.	127.337	100.801	-20,8
Preparações utilizadas na alimentação de animais	101.577	84.668	-16,6
Compostos heterocíclicos, seus sais e sulfonamidas	46.120	64.037	38,8
Ácidos carboxílicos, seus anidridos, halogenetos, etc.	23.065	26.537	15,1
Produtos e preparações das ind.quím.ou conexas, outros	15.357	17.431	13,5
Demais produtos básicos	10.862	14.093	29,7
Compostos de funções nitrogenadas	11.612	12.605	8,6
Demais produtos manufaturados	20.697	5.794	-72,0
Demais produtos semimanufaturados	1.733	2.848	64,4
<b>Total</b>	<b>1.068.576</b>	<b>1.552.214</b>	<b>45,3</b>

Elaboração: Grupo de Conjuntura/Dimac/Ipea.

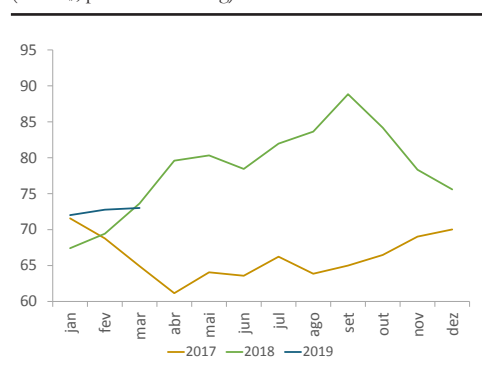
Por fim, a tabela 9 apresenta os valores importados nos quatro primeiros meses de 2018 e 2019 dos principais produtos de importação que constituem insumos para a atividade agropecuária. Foram considerados os principais produtos com destinação de pelo menos 20% como consumo intermediário das atividades agropecuárias, de acordo com a matriz insumo-produto de 2010. O crescimento de 45,3% para os principais insumos importados se deve principalmente ao forte crescimento da atividade agropecuária no país nesse início de ano. Destaque para os adubos

e compostos organo-inorgânicos, utilizados como defensivos, que praticamente dobraram. A principal categoria de insumos importados nos quatro primeiros meses de 2019 foi a de inseticidas, formicidas e herbicidas, com variação de 54,2% no período. Outros produtos químicos também apresentaram forte elevação no período. Dos doze produtos selecionados, apenas três apresentaram variação negativa entre 2018 e 2019. A análise sobre o consumo doméstico de insumos na safra 2018/2019 será apresentado na seção 4.

### 3 Mercados e preços agropecuários <sup>8</sup>

No primeiro trimestre de 2019, a média do Indicador Cepea/Esalq Paraná do preço da soja foi 8,5% inferior à do trimestre anterior, mas 3,5% superior à do mesmo período do ano passado (gráfico 4). Essa dinâmica reflete a expressiva queda de preço registrada em janeiro, resultado da desvalorização do real frente ao dólar, das estimativas de menor demanda chinesa e da redução nos embarques norte-americanos para a China. Após a safra de soja ter sido prejudicada pela estiagem em dezembro – período crítico de desenvolvimento dos grãos em muitas regiões produtoras –, em fevereiro as chuvas interromperam os trabalhos de campo e geraram preocupações quanto à qualidade da oleaginosa. Nesse cenário, as últimas estimativas da Conab apontam para uma redução de 4,2% na produção de soja da safra 2018/2019, que terminou de ser colhida em março. Diante da maior incerteza quanto à produtividade da atual safra, os sojicultores brasileiros voltaram a reduzir as vendas, diminuindo a oferta que manteve estáveis os preços em fevereiro e março.

GRÁFICO 4  
Indicador Cepea/Esalq Paraná do preço da soja  
(Em R\$, por saca de 60 kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



#### Perspectivas Soja:

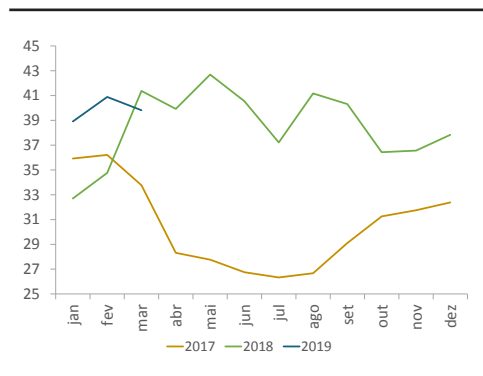
A perspectiva é que os sojicultores mantenham os estoques do grão nas próximas semanas, aguardando definições sobre o desenvolvimento das lavouras nos Estados Unidos (que iniciaram o semeio na segunda quinzena de abril). A expectativa de menor demanda da China, devido à menor necessidade de soja para a ração animal, consequência dos surtos de peste suína africana, tem pressionado para baixo os preços futuros.

O preço do milho se manteve em alto patamar no primeiro bimestre de 2019, reflexo do maior interesse de compradores em repor estoques de curto prazo e da menor oferta da primeira safra do produto – segundo a Conab, a produção de milho da primeira safra 2018/2019 foi 2,6% menor que a da safra anterior. Já em

8. Seção elaborada por Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros, Nicole Rennó Castro e Leandro Gilio (geral); André Sanches (grãos); Marcela Barbieri, Caroline Ribeiro, João Paulo Bernardes Deleo (hotifrutícolas); Renato Garcia Ribeiro (café); Natália Salaro Grigol (leite); Shirley Martins Menezes e Regina Mazzini Rodrigues Biscalchin (boi); e Juliana Ferraz e Maristela de Mello Martins (suínos, aves e ovos), todos do Cepea/Esalq/USP.

março, os preços registraram queda frente ao mês anterior, resultado do avanço da colheita da safra. Apesar dessa redução mensal, a média do Indicador Esalq/BM&FBovespa de preço do milho no primeiro trimestre foi 7,9% superior em relação ao trimestre anterior e 9,9% maior que a média do mesmo período de 2018 (gráfico 5).

GRÁFICO 5  
Indicador Esalq/BM&FBovespa de Preço do Milho  
(Em R\$, por saca de 60 kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.

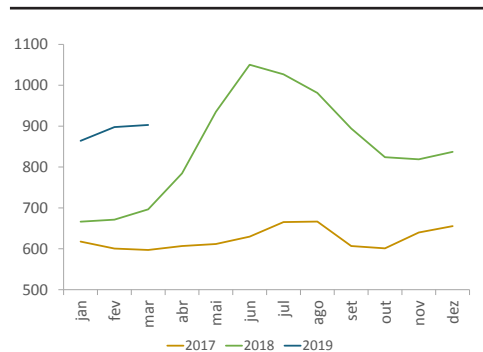


#### Perspectivas Milho:

Atualmente, a Conab estima que a produção da segunda safra de milho 2018/2019 deve atingir 68,13 milhões de toneladas, 28,3% maior que a safra anterior. Como as condições climáticas seguem favorecendo o desenvolvimento das lavouras, a perspectiva de oferta elevada deve manter a queda sobre os preços no curto prazo, como vem ocorrendo desde março.

O preço do trigo acumulou altas no primeiro trimestre de 2019, reflexo da menor disponibilidade do cereal de alta qualidade, da manutenção dos estoques por parte dos produtores e do aumento nas exportações brasileiras do grão de baixa qualidade (utilizado para ração animal), especialmente para a Ásia. A média do Indicador Cepea/Esalq Paraná do preço do trigo no primeiro trimestre do ano foi 7,4% superior à do trimestre anterior e 31% superior à do mesmo período de 2018 (gráfico 6).

GRÁFICO 6  
Indicador Cepea/Esalq Paraná do preço do trigo  
(Em R\$/t)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



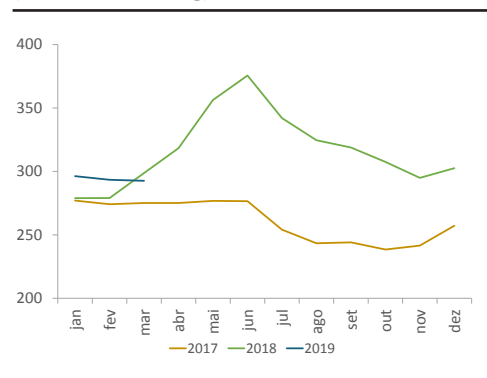
#### Perspectivas Trigo:

O maior patamar de preços pode estimular o cultivo de trigo no Brasil, cujo semeio tem início em abril. Por enquanto, a Conab estima uma produção 0,7% maior em relação ao ano anterior.

O preço da pluma de algodão teve pouca variação no primeiro trimestre de 2019, resultado do fraco ritmo de comercialização, dado que a maior parte da atual safra já foi negociada. No primeiro trimestre do ano, a média do Indicador Cepea/Esalq

do preço do algodão em pluma foi 2,5% inferior à do trimestre anterior, mas ainda 3% superior à do mesmo período de 2018 (gráfico 7).

**GRÁFICO 7**  
Indicador Cepea/Esalq do preço do algodão em pluma  
(Em centavos de R\$/lp)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.

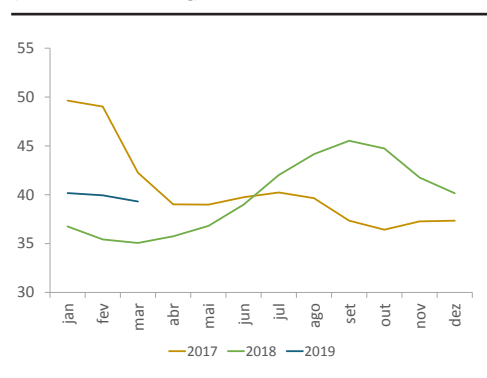


#### Perspectivas Algodão:

A expectativa atual é que a safra nacional 2018/2019 de algodão em pluma alcance novamente recorde de produção, impulsionada tanto pela elevação da área semeada, quanto pelo clima que, até o momento, está favorável. Esse crescimento de área, por sua vez, está associado à maior rentabilidade do algodão frente às demais culturas concorrentes em áreas. Por enquanto, para a safra 2018/2019, a Conab estima que a produção brasileira cresça 32,8% frente à safra passada.

Na média do primeiro trimestre de 2019, o Indicador Esalq/SENAR-RS do preço do arroz em casca apresentou queda de 5,7% em relação ao trimestre anterior, mas se manteve 11,3% acima do mesmo período de 2018 (gráfico 8). A pressão nos preços refletiu o menor interesse de compradores em realizar novas aquisições, devido à proximidade da colheita e à perspectiva de preços menores nas próximas semanas. No Rio Grande do Sul, a colheita iniciou em março, aumentando a oferta do grão.

**GRÁFICO 8**  
Indicador Esalq/SENAR-RS do preço do arroz em casca  
(Em R\$/saca de 50 kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



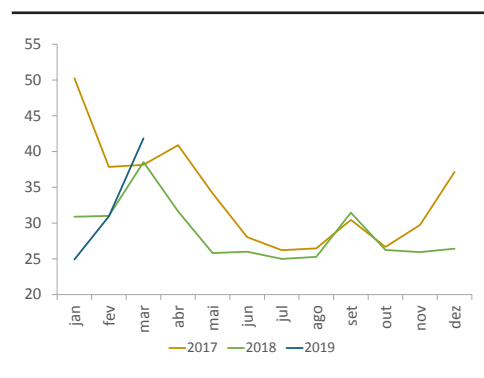
#### Perspectivas Arroz:

Para o segundo trimestre, a perspectiva é que o avanço da colheita aumente a oferta e pressione os preços domésticos. Entretanto, a queda nos preços deve ser limitada pela redução na produção da atual safra. Segundo a Conab, a produção nacional de arroz na safra 2018/2019 deve atingir 10,6 milhões de toneladas, quantidade 12,2% inferior à safra anterior. A menor produção é resultado, principalmente, da redução de 13,9% na área plantada.

No que diz respeito aos hortifrutícolas, o preço médio de comercialização da banana nanica aumentou 24,3% no primeiro trimestre de 2019, em relação ao último trimestre de 2018 (gráfico 9). A alta no trimestre refletiu o menor volume disponível no período, em decorrência do adiantamento da safra do Vale do Ribeira (São Paulo) e do norte de Santa Catarina em dezembro, consequência das elevadas temperaturas e das ventanias que derrubaram alguns bananais. Mesmo com esse

movimento, a média de preços foi inferior à do mesmo período do ano passado (-2,7%), o que deve ser resultado da menor qualidade da fruta, já que as adubações atrasaram e alguns produtores colheram a mesma fora do padrão ideal de maturação.

GRÁFICO 9  
Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo (Ceagesp): preço médio de comercialização da banana nanica no atacado (Em R\$/caixa de 22 kg)



Fonte: Cepeca/Esalq/USP.

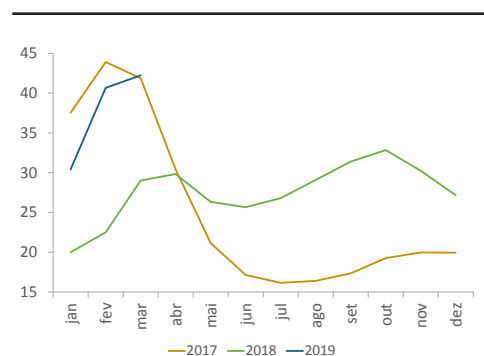


#### Perspectivas Banana:

O segundo trimestre de 2019 deve ser marcado pelo aumento na quantidade colhida de banana nanica, pois as principais regiões produtoras passam a ofertar a variedade neste período com a nova safra. A qualidade, ainda, pode melhorar em relação ao que foi colhido antecipadamente, já que as frutas estarão sendo colhidas no padrão ideal de maturação. Em termos de produção, as estimativas atuais do IBGE apontam para um modesto aumento de 2,7% na produção da safra 2019 frente à safra anterior.

O primeiro trimestre de 2019 foi marcado pela elevação dos preços da laranja pera no mercado *in natura*. Na comparação com o último trimestre de 2018, a alta foi de 25,6% e, frente à média do primeiro trimestre de 2018, a elevação foi de 58,4% (gráfico 10). O cenário foi motivado pelo período de entressafra entre as colheitas de 2018/2019 e de 2019/2020, marcado pela baixa oferta do produto. Com a menor disponibilidade de laranja, as frutas com melhor qualidade se valorizaram no período.

GRÁFICO 10  
Estado de São Paulo: preço médio de comercialização da laranja pera *in natura* no atacado (Em R\$/caixa de 40,8 kg, na árvore)



Fonte: Cepeca/Esalq/USP.



#### Perspectivas Laranja:

O segundo trimestre deverá ser marcado pela maior oferta do produto – início da safra 2019/2020 –, refletindo em queda nos preços da laranja de mesa. Contudo, com a intensificação das atividades das indústrias, prevista para meados de maio, a disponibilidade da fruta *in natura* pode ficar restrita. Em termos de produção, as estimativas atuais do IBGE apontam para redução de 5,2% na produção brasileira em 2019 frente ao ano anterior.

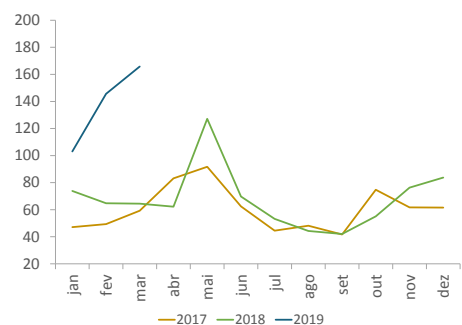
O primeiro trimestre de 2019 foi marcado por constante e expressiva alta nos preços médios da batata. Na comparação com o último trimestre de 2018, o preço médio de comercialização da batata ágata especial aumentou 92,6%, e na compa-



ração com o primeiro trimestre de 2018, a alta foi de 104,1% (gráfico 11). Esse resultado reflete, primeiramente, reduções de área plantada – 20% no acumulado de dois anos na safra das águas, que ocorre de dezembro a abril. Além da área, os investimentos também foram reduzidos, reflexo de dois anos seguidos com preços abaixo dos custos de produção (novembro de 2016 a novembro de 2018).

GRÁFICO 11

**Ceagesp: preço médio de comercialização da batata ágata especial no atacado**  
(Em R\$/saco de 50kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



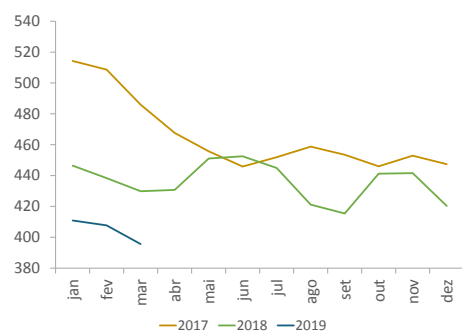
### Perspectivas Batata:

A previsão é de alta de preços até maio, quando a safra das águas se aproxima do final e a safra das secas inicia ainda lenta. Além disso, a safra das secas também deverá registrar baixo patamar de área. A partir de junho, com a intensificação da safra das secas, a expectativa é de queda nos preços, embora devam se manter acima dos custos de produção.

O primeiro trimestre de 2019 foi marcado pela expressiva redução dos preços internacionais e nacionais do café arábica, que voltaram a operar em níveis reais de 2013/2014. Na comparação entre o primeiro trimestre de 2019 e o último trimestre de 2018, o Indicador Cepea/Esalq do café arábica recuou 6,8%, e, na comparação com o primeiro trimestre de 2018, a redução foi de 7,6% (gráfico 12). A baixa refletiu especialmente a boa oferta do grão no mercado, pois, além de o volume considerável de mercadoria da safra 2018/2019 ainda não ter sido comercializado, as perspectivas para a safra 2019/2020 são relativamente favoráveis. Apesar de se tratar de um ano de bialidade negativa dos cafezais, o volume estimado está em um patamar acima da média histórica. Este resultado se deve, em parte, pelo retorno das chuvas em fevereiro e março, amenizando a seca no final de janeiro, e mantendo o elevado potencial produtivo para a próxima safra.

GRÁFICO 12

**Indicador Cepea/ESALQ do café arábica**  
(Em R\$/saca de 60 kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



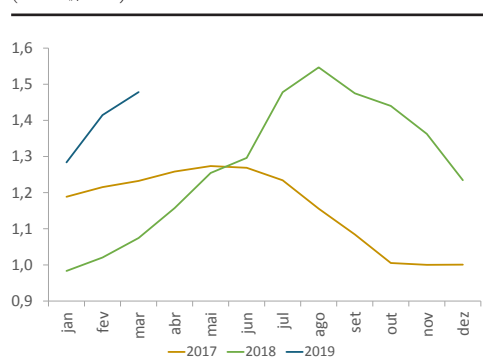
### Perspectivas Café:

Com a intensificação da colheita da safra 2019/2020 entre abril e maio, espera-se que um número maior de negócios seja fechado no mercado. Entretanto, os preços baixos do café arábica, que se aproximam ou mesmo ficam abaixo dos custos de produção, podem limitar a liquidez. Os produtores temem que, com a entrada de um maior volume de café no mercado nos próximos meses, a pressão sobre os preços aumente.

No primeiro trimestre de 2019, a “média Brasil” do preço do leite ao produtor aumentou 3,5% em relação ao último trimestre de 2018, e ficou 35,7% acima da média registrada no primeiro trimestre de 2018 (gráfico 13). As consecutivas elevações observadas refletiram a baixa oferta no campo – em março, a produção continuou limitada em função de condições climáticas desfavoráveis – e a maior competição das indústrias para garantir a compra de matéria-prima. O movimento de valorização do preço, no entanto, foi menos intenso de fevereiro para março, em virtude da dificuldade das empresas em elevar os preços dos lácteos sem prejudicar suas participações no mercado. Para garantir a liquidez no período, os laticínios mudaram suas estratégias de processamento e trabalharam com a diminuição dos estoques, principalmente no caso do leite UHT.

GRÁFICO 13

**Brasil: preço do leite recebido pelo produtor (líquido, sem frete e impostos)**  
(Em R\$/litro)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



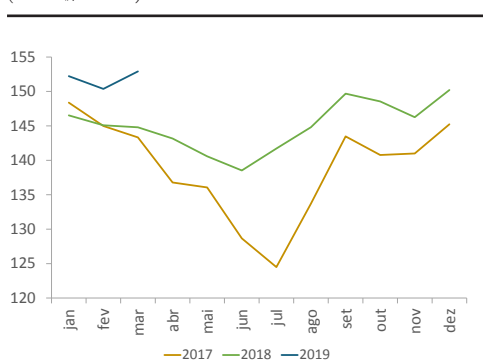
### Perspectivas Leite:

A aproximação do período de entressafra no Sudeste e Centro-Oeste – de abril a agosto – deve pressionar a alta nos preços. Outro fator a ser considerado é a maior competição de laticínios por matéria-prima de maior qualidade, tendo em vista as novas normativas (IN 76 e 77) que são mais rígidas em relação à qualidade do produto e que estabelecem um novo padrão de competição para as empresas.

No primeiro trimestre de 2019, o valor médio do Indicador Esalq/BM&FBovespa do preço do boi gordo superou em 2,4% o valor médio do trimestre anterior, e ficou 4,4% acima do valor do primeiro trimestre de 2018. Este resultado confirma, até o momento, a expectativa que o setor pecuário tinha de preços maiores para 2019 (gráfico 14). Ainda que o consumo doméstico não tenha reagido como esperado, o desempenho bastante favorável das exportações no período analisado foi suficiente para alavancar os preços dos animais para abate. Em um mercado de oferta relativamente limitada, foi necessário que frigoríficos ajustassem os valores ao pecuarista, visando atender à demanda externa.

GRÁFICO 14

**Indicador Esalq/BM&FBovespa do preço do boi gordo**  
(Em R\$/arroba)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



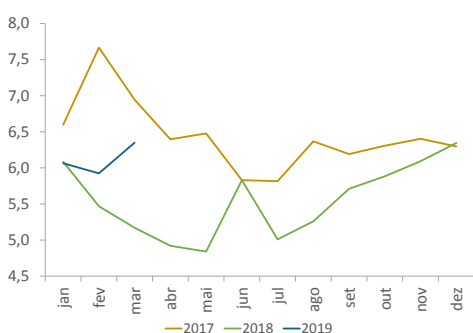
### Perspectivas Boi:

A expectativa é que o setor pecuário se mantenha cauteloso nos próximos meses, visto que a possibilidade de aumento de volume na safra de grãos e a sinalização de preços crescentes no mercado futuro tendem a elevar o volume de animais a serem confinados, o que pode pressionar o valor da arroba.

9. Calculada a partir do preço médio, sem frete e sem imposto, dos seguintes estados: Bahia, Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Em janeiro e fevereiro, o típico enfraquecimento do consumo no mercado doméstico levou à queda nos preços do suíno vivo e da carne suína. Já em março, houve alta nos preços, como resultado principalmente do desempenho das exportações, embora a demanda doméstica também tenha demonstrado alguma reação. Dessa forma, o preço médio de comercialização da carne suína (carcaça especial) no primeiro trimestre se manteve estável em relação ao último trimestre de 2018 (+0,1%), mas teve alta em relação ao mesmo período do ano passado (9,7%) (gráfico 15).

GRÁFICO 15  
Grande São Paulo: preço médio de comercialização da carcaça especial suína no atacado (Em R\$/kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.

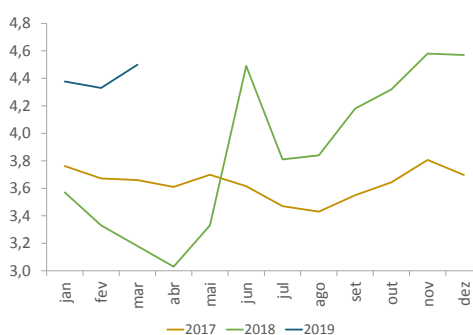


#### Perspectivas para a carne suína

A melhora nos preços pagos pelo suíno vivo tem trazido boas expectativas aos suinocultores para o próximo trimestre. A menor oferta de suínos em termos mundiais, devido aos casos de Peste Suína Africana (PSA), tende a continuar elevando as exportações brasileiras de carne suína. Desse modo, a expectativa é que os preços se mantenham estáveis, em patamares mais altos do que os observados no mesmo período de 2018.

Nos dois primeiros meses de 2019, o ritmo de negócios na avicultura foi lento, com pouca demanda no mercado doméstico. No entanto, o aumento nas vendas ao exterior, iniciado em fevereiro, fez com que os preços praticados em toda a cadeia (pintainho, frango vivo, frango inteiro abatido e cortes) se elevassem em março. Assim, quando comparado com o mesmo período do ano passado, o preço médio de comercialização do frango abatido no primeiro trimestre aumentou 31%, impulsionado pela menor produção no comparativo com o mesmo período de 2018, e pela valorização da carne no mercado internacional. Já em comparação com o último trimestre de 2018, houve modesta redução de 2% (gráfico 16).

GRÁFICO 16  
Estado de São Paulo: preço médio de comercialização do frango abatido (inteiro resfriado) no atacado (Em R\$/kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



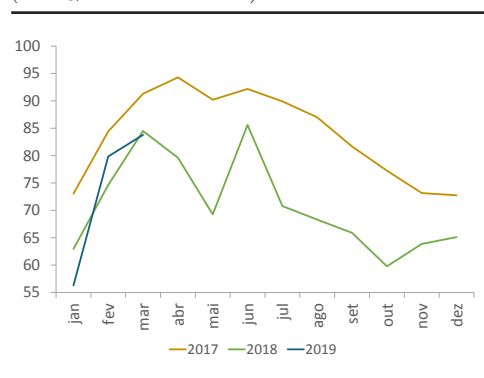
#### Perspectivas para a carne de Frango

A baixa oferta de suínos na China, em decorrência dos casos de PSA, deve continuar impulsionando as importações chinesas de carnes. Desse modo, a expectativa é que as exportações brasileiras de carne de frango para o país devam seguir crescentes – em fevereiro, a China se tornou a principal demandante da carne exportada pelo país, posto que era ocupado pela Arábia Saudita. Esse cenário, juntamente ao de menor produção, tende a elevar os preços no mercado doméstico.

Nos três primeiros meses de 2019, o preço dos ovos subiu em relação ao último trimestre de 2018: a média do indicador Cepea/Esalq do preço do ovo tipo extra branco aumentou 16,5%. Apesar de em janeiro as vendas terem sido lentas devido às férias escolares, o ritmo de negócios aumentou a partir de meados de fevereiro, com impulso mais significativo em março, quando teve início o período de quaresma. Cabe ressaltar que, nesse primeiro trimestre, a elevada oferta do produto e as temperaturas mais altas, que diminuem a vida útil dos ovos, limitaram aumentos ainda maiores do preço. Já em comparação com o primeiro trimestre de 2018, houve apenas leve queda de 1% no indicador (gráfico 17).

GRÁFICO 17

**Bastos, São Paulo: indicador Cepea/Esalq do preço do ovo tipo extra branco**  
(Em R\$/caixa com 30 dúzias)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



### Perspectivas - Ovos

Com o final da quaresma (período de maior liquidez no mercado de ovos), a procura deve reduzir. O recuo na quantidade demandada, associado à produção elevada, tende a pressionar os preços no mercado doméstico, exigindo que os produtores tracem estratégias para ajustar a oferta.

De forma geral, o primeiro trimestre de 2019 foi marcado por aumento de preços para a maior parte dos produtos agropecuários analisados. Além de os preços terem avançado em relação ao último trimestre de 2018, eles estiveram, em geral, em patamares bastante superiores aos registrados no primeiro trimestre daquele ano. Esse resultado refletiu a oferta relativamente restrita de diversos produtos no período, assim como o baixo patamar de comparação, tendo em vista os preços agropecuários bastante reduzidos do início de 2018. Essa dinâmica se refletiu no comportamento do Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), com o grupo de alimentação no domicílio respondendo por quase 40% da variação acumulada em 2019, até março, do índice geral.

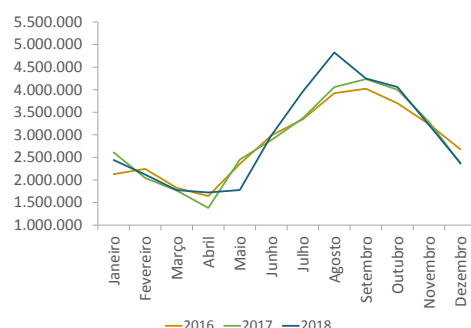
Em termos de perspectivas, espera-se para os próximos meses alguma redução de preços para soja, milho, arroz, café, boi gordo e ovos. Entretanto, para leite, suínos e aves, há indicativos de estabilidade ou aumento de preços. A demanda internacional – considerando os desdobramentos da disputa entre China e Estados Unidos e os efeitos ainda esperados da peste suína africana sobre o mercado de carnes – e os movimentos da taxa de câmbio serão determinantes do comportamento dos preços.

## 4 Fertilizantes



A aquisição de 8.789 mil toneladas de fertilizantes entre os meses de julho e agosto de 2018 foi consideravelmente acima do observado para os mesmos meses de 2017: cerca de 18,3% (gráfico 18). Conforme a ANDA, no acumulado do período de janeiro a dezembro de 2018, foram entregues 35.506 mil toneladas de fertilizantes, representando um crescimento de 3,1% em relação ao mesmo período de 2017, quando foram entregues 34.439 mil toneladas. O estado do Mato Grosso concentrou o maior volume no período analisado (21,2%), com 7.518 mil toneladas, seguido do estado do Paraná (13,4%), com 4.758 mil toneladas, e do Rio Grande do Sul (11,9%), com 4.236 mil toneladas, e São Paulo (11,3%), com 4.012 mil toneladas.

GRÁFICO 18  
Brasil: consumo efetivo de fertilizantes  
(Em toneladas)



Fonte: ANDA, 2019.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da DIMAC/Ipea.

Segundo a Conab, o aumento no consumo de fertilizantes ainda é reflexo da expansão da área cultivada, principalmente das culturas da soja e algodão, seguida da cana de açúcar e do café na região Sudeste, em especial da área plantada na safra 2017/2018, que chegou a 61 milhões de hectares, incremento de 1,4% ou 859,8 mil hectares em comparação à safra passada, atingindo, assim, novo recorde nacional. No entanto, a produção estimada de grãos para a safra 2017/2018 fora de 228,3 milhões de toneladas, o que representa uma redução de 3,9% em relação à safra anterior.

De acordo com a Associação Brasileira das Indústrias de Tecnologia em Nutrição Vegetal (ABISOLO), no ano de 2018 cerca de 47% das vendas do setor foram destinadas à cultura da soja. As culturas de milho (11%), frutas, legumes e verduras (11%) e café (9%) foram responsáveis por 31% das vendas do setor.

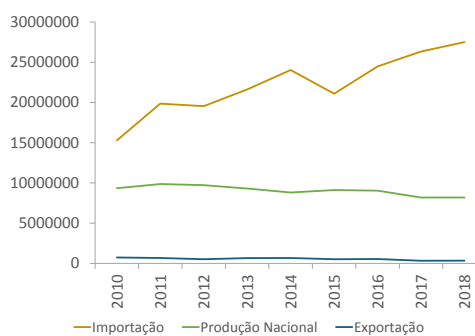
Para a safra 2018/2019, a área plantada de grãos no Brasil está estimada em 63.028 mil hectares. A perspectiva é de aumento de 2,1% em relação à temporada passada, que equivale a um acréscimo de 1.307,2 mil hectares, influenciado principalmente pelo incremento nas áreas de milho, algodão e soja.

As importações de fertilizantes intermediários são crescentes ao longo das últimas três décadas, refletindo a expansão da agricultura nacional por meio de incorporação de área e o aumento da produtividade, os quais não foram acompanhados pela produção nacional de fertilizantes. As importações sempre complementaram a demanda doméstica, no entanto, a produção nacional não cresceu expressivamente de volume, ficando praticamente estagnada: de 2000 a 2009, a produção média

anual foi de 8.711 milhões de toneladas de fertilizantes intermediários; no período seguinte, de 2010 a 2018, a média anual cresceu levemente para 9.063 milhões de toneladas.

Todavia, as importações estão sempre sendo crescentes, aumentando rapidamente a partir de 2010 (gráfico 19). Em 2010, a produção de nacional de fertilizantes intermediário em relação às importações representava 61% e reduziu rapidamente para 30% em 2018. Esse comportamento do mercado revela a dependência crescente do setor agropecuário às importações e, além disso, contribui para a preocupante redução do valor adicionado da agricultura brasileira na cadeia global de valor. Esses aumentos crescentes das importações os tornaram o segundo grupo de PPI em termos monetário na comparação entre o primeiro trimestre de 2018 e 2019, bem como de variação percentual.

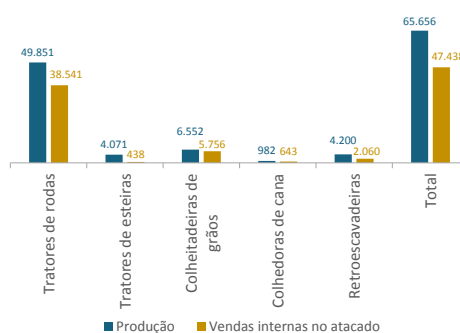
GRÁFICO 19  
**Brasil: importação e produção nacional de fertilizantes intermediários e principais exportações de fertilizantes e formulação de NPK**  
 (Em toneladas)



Fonte: ANDA, 2019.  
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da DIMAC/Ipea.

Conforme dados da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (ANFAVEA), no acumulado do período de janeiro a dezembro de 2018, foram produzidas 65.656 máquinas agrícolas no Brasil, representando um crescimento de 23,78% em relação ao mesmo período de 2017, quando foram produzidas 53.043 máquinas (gráfico 20). A produção de colhedoras de cana reduziu em 5,49% no período, passando de uma produção de 1.039 para 982 unidades, reflexo da redução na produção de cana de açúcar em 1,2% na safra de 2018/2019.

GRÁFICO 20  
**Produção e vendas internas no atacado de Máquinas Agrícolas e Rodoviárias no Brasil em 2018**



Fonte: ANFAVEA.

Com relação às vendas internas no atacado de máquinas agrícolas, no ano de 2018 foram vendidas no atacado 47.438 unidades, incremento de 12,36% em comparação ao ano de 2017, em que foram vendidas 42.220 unidades. Foram vendidas 438 unidades de tratores de esteira em 2018, um incremento de 91,27% nas vendas em relação ao ano de 2017, no qual foram vendidas 229 unidades. As vendas de colhedoras de cana também foram reduzidas, passando de 721 unidades em 2017 para 643 no ano de 2018, o que representou uma redução 10,82%.

## Equipe Responsável pela Seção de Economia Agrícola

### Editores

Ana Cecília Kreter (Dimac/Ipea)  
José Ronaldo De Castro Souza Junior (Dimac/Ipea)

### Nível de atividade e emprego

#### PIB agropecuário 2018 e 2019

Leonardo Mello de Carvalho (Dimac/Ipea)  
Pedro Mendes Garcia (Dimac/Ipea)  
Felipe Moraes Cornélio (Dimac/Ipea)  
José Ronaldo Souza Júnior (Dimac/Ipea)  
Ana Cecília Kreter (Dimac/Ipea)

#### Renda e emprego no agronegócio: insumos, primário, agroindústria e agrosserviços

Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros (Cepea/Esalq-USP)  
Nicole Rennó Castro (Cepea/Esalq-USP)  
Leandro Gilio (Cepea/Esalq-USP)  
Ana Carolina de Paula Morais (Cepea/Esalq-USP)  
Marcello Luiz de Souza Junior (Cepea/Esalq-USP)

#### Setor externo

Marcelo Braga Nonnenberg (Dimac/Ipea)  
Ana Cecília Kreter (Dimac/Ipea)

#### Mercados e preços agropecuários

Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros, Nicole Rennó Castro e Leandro Gilio (Geral)  
André Sanches (Grãos)  
Marcela Barbieri, Caroline Ribeiro e João Paulo Bernardes Deleo (Hotifrutícolas)  
Renato Garcia Ribeiro (Café)  
Natália Salaro Grigol (Leite)  
Shirley Martins Menezes e Regina Mazzini Rodrigues Biscalchin (Boi)  
Juliana Ferraz e Maristela de Mello Martins (suínos, aves e ovos), todos do Cepea/Esalq/USP.



## Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac)

José Ronaldo de Castro Souza Júnior – Diretor  
Francisco Eduardo de Luna e Almeida Santos – Diretor Adjunto



## Grupo de Conjuntura

### Equipe Técnica:

Estêvão Kopschitz Xavier Bastos  
Leonardo Mello de Carvalho  
Marcelo Nonnenberg  
Maria Andréia Parente Lameiras  
Mônica Mora Y Araujo de Couto e Silva Pessoa  
Paulo Mansur Levy  
Sandro Sacchet de Carvalho

### Equipe de Assistentes:

Adriana Cabrera Baca  
Ana Cecília Kreter  
Augusto Lopes dos Santos Borges  
Felipe Moraes Cornélio  
Felipe dos Santos Martins  
Janine Pessanha de Carvalho  
Leonardo Simão Lago Alvite  
Matheus Souza Peçanha  
Pedro Mendes Garcia

---

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.